

O ACORDO NÃO SERVE PARA NADA, EXCETO PARA CRIAR CONFUSÃO

Paulo Franchetti

Talvez a pergunta melhor não fosse essa, mas sim a quem serve o AO, para ter sido implementado como foi.

Mas me ocorrem algumas possibilidades de resposta:

1. No Brasil, serve para mais uma vez demonstrar a inutilidade e a desqualificação cultural e científica dessa instituição anacrônica, caricata de si mesma, que se chama Academia Brasileira de Letras;
2. Em Portugal, para mostrar a dupla face do pós-colonialismo: de um lado, os rugidos xenófobos e nostálgicos do período imperial de alguns revoltados contra o AO; de outro, a subserviência institucional aos interesses econômicos do e no Brasil (e desconfio que, se eu não fosse um homem de letras, mas um executivo de editora portuguesa ou espanhola, talvez ficasse muito tentado a trabalhar, às claras ou encobertamente, pela aprovação do acordo em Portugal);
3. No Brasil, serve para mostrar como a indústria editorial, nacional ou multinacional, especialmente a que publica livros escolares e de referência — os mais beneficiados aqui com o parto doloroso desse aleijão —, tem aumentado seu poder econômico e cooptado intelectuais e políticos em postos de decisão;
4. Em Portugal, serve também para tornar patente o desconhecimento de como funciona o Brasil e da nenhuma importância que aqui se atribui ao pequeno mercado português ou à manutenção de vínculos culturais com a antiga metrópole — pois a implantação do AO no Brasil parece servir a interesses exclusivamente brasileiros, tendo Portugal nessa história apenas função e uso, restrito, como argumento, perdendo mesmo nisso para alguma cobiça pelo também hoje pequeno mercado africano;
5. Ainda no Brasil, para mostrar como — apesar de tudo, inclusive da irresponsabilidade do governo em decretar açodadamente desde há alguns anos que só podem ser utilizados nas escolas livros com a nova ortografia — a sociedade civil ainda tem algum poder de influência, revelado na «suspensão» do acordo, para estudos, a meio caminho; medida que, diga-se a bem da verdade, parece tão absurda neste momento quanto o decreto de sua implementação;
6. Nos dois países, para mostrar como a língua é tratada sem critério e sem respeito, justamente pelos que deveriam zelar por ela;
7. Nos dois países, ainda, para evidenciar que a lusofonia, as proclamações, os jantares, as viagens subsidiadas, os acordos anódinos e ineficazes e todo o arsenal discursivo da integração

cultural pode nunca frutificar, mas ser muito produtivo como argumento a justificar uma ação inconsequente, seja do ponto de vista científico, seja do ponto de vista cultural;

8. Em resumo: o acordo não serve para nada, exceto para criar confusão, para afirmar a inépcia linguística de seus autores, para favo-

recer os vendedores de livros didáticos e de livretos e cursos sobre a «nova ortografia», e — claro — para aumentar o gasto das famílias e dos governos com aquisição de livros didáticos e obras de referência de uso nas escolas.